

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 621.1537

Data: 16.08.81

Pg.: _____

Na aldeia indígena, o difícil acesso

O aldeamento indígena localizado no sertão de Prumirim, no município de Ubatuba, litoral Norte, não pôde ser alcançado nem por um Gurgel colocado à disposição da equipe de vacinação antipólio, porque a estrada se tornou intransitável devido às chuvas que caíram na região. Os últimos quilômetros até a aldeia foram percorridos a pé pela equipe de voluntários liderada por um pastor evangélico, que atravessou uma picada no mato ladeando o rio Prumirim.

No local, vivem atualmente seis famílias, num total de 37 pessoas que falam apenas em tupi-guarani e que observaram com desconfiança os vacinadores. Mesmo assim, nenhuma mulher se recusou a vacinar seu filho. Por outro lado, os índios de Barra do Una, em São Sebastião, foram imunizados no começo da semana por outra equipe que andou por mais de duas horas no mato até alcançar a aldeia, e lá vacinou as crianças também contra outras doenças.

No entanto, as praias distantes de Ihabela, como Castelhanos e Bonete, não puderam ser atingidas, assim como as ilhas de Búzios, Vitória e Montão de

Trigo, porque o mar estava muito revolto impedindo a circulação da lancha da Marinha colocada à disposição da campanha de vacinação contra pólio. As crianças destas localidades deverão ser vacinadas na próxima semana, e, caso o mar continue revolto, um helicóptero transportará a equipe até lá. Também serão imunizadas em breve as crianças do Saco das Bananas, em Ubatuba, que não puderam ser vacinadas ontem devido às dificuldades de acesso ao local.

Na região de Marília, tudo corria normalmente nos 229 postos fixos e 93 volantes que pretendiam vacinar 91.885 crianças. Cerca de 1.800 pessoas manipularam 168 mil doses de vacina Sabin, num total de 33 equipes com 62 supervisores.

CONSERVAÇÃO

Os casos de pólio registrados nos últimos anos, em grande parte, estão relacionados com a ineficiência da vacina provocada pela má conservação da ampola, apesar de já existir solução para o problema. Preocupado com o problema, o sanitarista Nicolino Mazziotti, da Secretaria da Saúde, começou

a pesquisar uma solução em 1973, partindo da premissa de que estariam ocorrendo falhas na aplicação ou conservação da vacina, que poderia também não ter poder imunizante. Essas dúvidas surgiram quando novos casos da doença apareceram em cidades como Leme, Araras, Pirassununga e Mogi Guaçu, onde houve vacinação.

Verificando que as geladeiras dos centros de saúde tinham grande variação de temperatura, projetou uma com abertura horizontal, a Medicin, que consegue manter a temperatura das ampolas entre 2 e 6 graus.

Recentemente, 350 Medicins foram distribuídas no Norte e Nordeste, além dos aparelhos que já foram instalados em centros de saúde do Estado e outros 400 que serão entregues aos novos centros. O fabricante também estuda um modelo a querosene, para regiões onde não há eletricidade, mas ainda não está provado que a perda da capacidade imunológica das vacinas seja consequência da falta de conservação adequada. Segundo os sanitaristas, o problema pode estar localizado em outros estágios da cadeia de frio, que se inicia na produção da vacina.